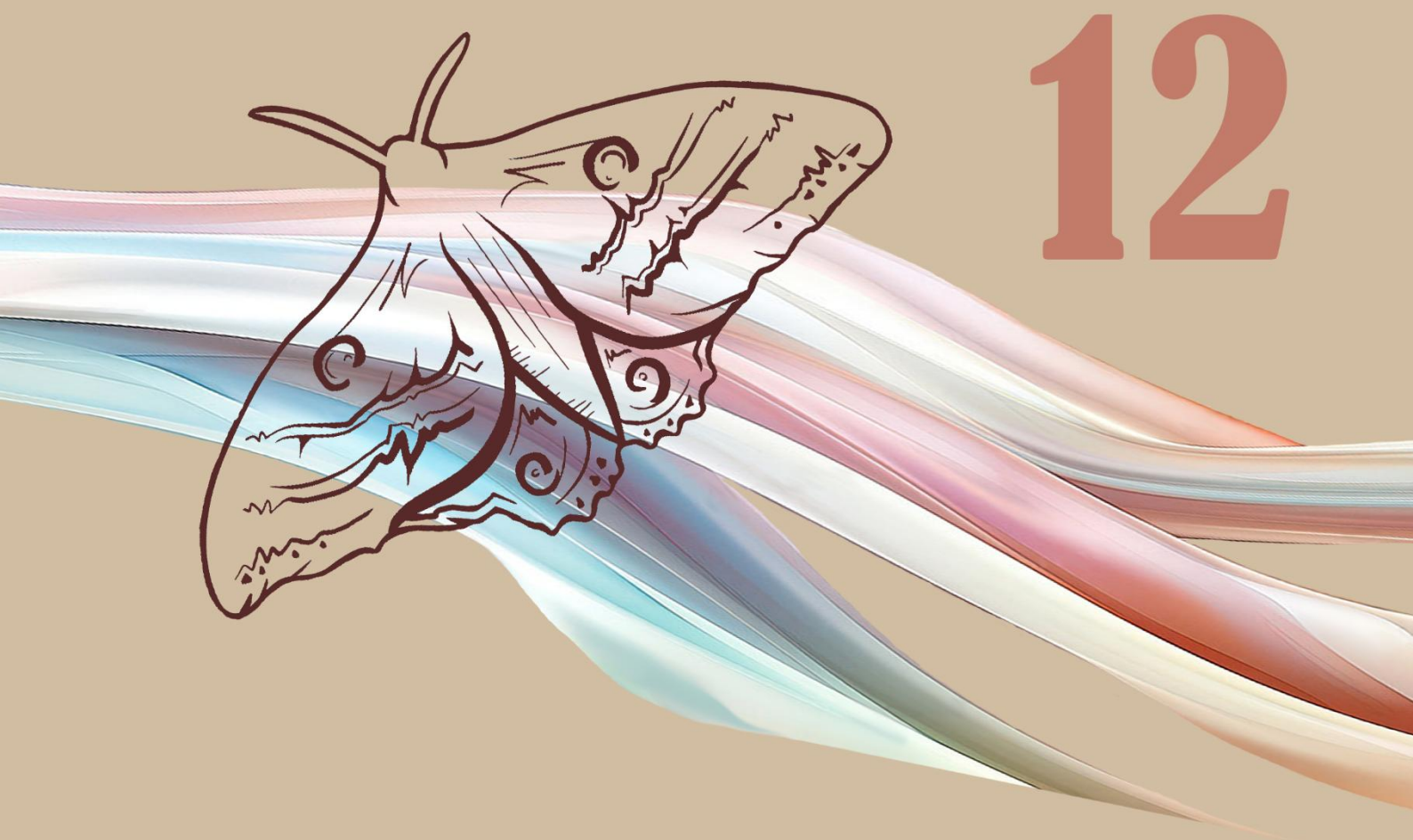
A BRUXA

UMA REVISTA DE BIOLOGIA CULTURAL

www.revistaabruxa.com ISSN 2594-8245 Volume 9 dezembro 2025



12

Ferraz, I. & Perrotta, V. 2025. Puxando o trenó: um estudo etnozoológico dos animais nas tradições natalinas contemporâneas e nas raízes pagãs .... **A Bruxa 9**(12): 156-174.

Rio de Janeiro, RJ

A Bruxa, 2025
v. 9, n. 12, p. 156-174

www.revistaabruxa.com
Rio de Janeiro, RJ

Puxando o trenó: um estudo etnozoológico dos animais nas tradições natalinas contemporâneas e nas raízes pagãs

Iago Ferraz* & Victor Perrotta

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, Brasil
*iagoferrazbio@gmail.com

RESUMO

As festas de Natal resultam do sincretismo entre tradições pagãs europeias, ligadas ao solstício e ao período invernal, e celebrações cristãs associadas ao nascimento de Jesus, instituídas pela Igreja como 25 de dezembro no século IV. Os animais têm papéis importantes nessas práticas, seja no presépio, nas origens pagãs ou no trenó do Papai Noel. Este estudo analisou referências zoológicas no imaginário natalino por meio de revisão bibliográfica e de um questionário aplicado a 59 participantes no Rio de Janeiro (2025). As renas foram as menções mais populares, reforçando sua posição simbólica global, influenciada por mídias e lendas do Bom Velhinho, que aproximam São Nicolau de divindades antigas, como Odin. O urso-polar apareceu geralmente associado à publicidade. Pinguins, animais de fazenda e, de forma pontual, piscos, bodes, javalis, cavalos, cigarras e sapos também foram citados. A literatura destaca relevância histórica para vários desses animais em celebrações pagãs, como o *Yule*. A pesquisa, tanto pelas entrevistas quanto pelo levantamento bibliográfico, revela a mistura entre cultura pop, cristianismo, paganismo e vivências locais. O estudo propõe difundir conhecimento sobre a etnozoologia do Natal, valorizar esses símbolos, resgatar imaginários e estimular a promoção da consciência ambiental por meio dos animais nas narrativas natalinas.

Palavras-chave: etnozoologia; Natal; paganismo; solstício; Yule.

ABSTRACT

Pulling the sleigh: an ethnozoological study of animals in contemporary Christmas traditions and pagan roots

Christmas festivities result from the syncretism between European pagan traditions linked to the winter solstice and season and Christian celebrations for Jesus's birth, established by the Church as December 25 in the fourth century. Animals have important roles in these practices, whether in the nativity scene, pagan origins or Santa Claus's sleigh. This study analyzed zoological references in the Christmas imaginary through a literature review and a questionnaire applied to 59 participants in Rio de Janeiro in 2025. Reindeer were the most popular mentions, reinforcing their global symbolic position, influenced by media and legends of Santa, which bring Saint Nicholas closer to ancient deities such as Odin. The polar bear appeared generally associated with advertising. Penguins, farm animals and, occasionally, robins, goats, boars, horses, cicadas and frogs were also cited. The literature highlights historical relevance for several of these animals in pagan celebrations such as Yule. The research, both through the interviews and the bibliographic survey, reveals the mixture between pop culture, Christianity, paganism and local experiences. The study proposes to spread knowledge about the ethnozoology of Christmas, to value these symbols, to recover imaginaries and to encourage the promotion of environmental awareness through animals in Christmas narratives.

Keywords: ethnozoology; paganism; Santa Claus; solstice; Yule.

INTRODUÇÃO

Celebradas em diversas regiões do mundo como manifestações culturais que combinam elementos religiosos cristãos com tradições pagãs ancestrais, as festas de Natal enriquecem o imaginário e o período

de fim de ano para muitas pessoas (Bertuzzo & Tonin, 2021). Festas pagãs pré-existentes, como as romanas Saturnália e *Dies Natalis Solis Invicti*, ou o Yule e similares germânicos, comemoravam aspectos como o meio do inverno, o solstício de inverno, as noites de inverno e o renascimento do Sol. A relevância desses ritos motivou a Igreja Católica, no século IV, a escolher o dia 25 de dezembro como data de celebração do nascimento de Cristo para estrategicamente cristianizar as celebrações pagãs que ocorriam no mesmo período, principalmente a Saturnália romana (Frazer, 1922; Hollard, 1931; Roll, 1995; Beckwith, 2001; Nichols, 2021).

A Saturnália era um festival pagão romano em honra ao deus Saturno e também uma celebração da colheita e do novo ciclo. Os senhores serviam em banquetes a seus escravos e esses podiam se comportar de maneira mais livre, sob a presidência de um rei temporário, o *Saturnalicius Princeps* (Príncipe Saturnálico), que liderava brincadeiras e ordens satíricas. Também havia troca de presentes e decoração das casas com folhagens verdes. No solstício de inverno, ocorria também a Brumália, onde uma noite de banquetes, bebedeira e alegria era celebrada em honra a deuses como Saturno, Ceres e Baco (Leite, 2006; Miller, 2010).

Apesar do destaque da Saturnália, bem como a existência de festividades sazonais de diversas outras regiões e culturas, elementos pagãos de regiões germânicas protagonizam o imaginário das celebrações de inverno, o que perdura até aos dias de hoje. Um dos principais motivos é que as regiões nórdicas estão entre as últimas sociedades da Europa a serem cristianizadas. Além disso, Hákon Jarl, na intenção de cristianizar a Noruega, transfere as celebrações de Jól (hoje chamado de Yule) para o dia 25 de dezembro, quando a data já era estabelecida como Natal cristão (Nichols, 2021). Movimentos como esse refletiram em adaptações culturais locais que construíram tradições sincréticas, resultando atualmente em variações natalinas regionais que expressam uma síntese histórica entre práticas cristãs oficiais e antigas celebrações pagãs (Lévi-Strauss, 2003; Flowers, 2016; Nichols, 2021).

Essa riqueza cultural apresenta papéis importantes desempenhados pelos animais, tanto nas narrativas cristãs do Natal quanto nas pagãs que lhe antecederam. Figuras rurais e pastoris, como aquelas presentes no presépio, destacam-se no cristianismo (Bertuzzo & Tonin, 2021). Esses mesmos animais também são relevantes nas antigas tradições europeias, reflexo da dinâmica agropastoril desses povos, mas agora somados a animais totêmicos, como o javali, a rena e o urso, historicamente associados à fertilidade, ao renascimento solar e à travessia entre mundos (Frazer, 1922; Glosecki, 1989; Davidson, 1998; Raedisch, 2013). As renas, para além disso, ocupam o protagonismo simbólico na ideia de Natal contemporâneo, por sua conexão com o Papai Noel.

Das renas no céu ao peru sobre a mesa, o presente estudo investiga a etnozoologia do Natal contemporâneo e dos festivais pagãos que o inspiraram, com ênfase nas tradições germânicas cujos reflexos persistem até hoje de forma marcante.

Metodologia

Realizou-se um levantamento bibliográfico com o objetivo de identificar menções aos animais em práticas e tradições natalinas, tanto no contexto contemporâneo quanto em tradições pagãs precursoras. Entre fevereiro e outubro de 2025, foram aplicados questionários com duas perguntas a 59 participantes, investigando os animais associados ao Natal e os motivos dessas associações. A análise concentrou-se nas respostas às questões:

1. *Quais animais você associa ao Natal?*
2. *De onde vem essa associação?*

As entrevistas foram realizadas com brasileiros residentes no estado do Rio de Janeiro, e, considerando o foco específico do estudo, não foram avaliadas variáveis como idade, gênero ou local de residência. Todas as etapas do estudo seguiram princípios éticos, incluindo o consentimento informado obtido dos participantes. Como cada participante pôde oferecer múltiplas respostas, as proporções apresentadas nos resultados ultrapassam cem por cento.

Os animais identificados foram listados, e seu contexto etnozoológico foi analisado com base na literatura. A atribuição dos nomes científicos ao longo do texto considerou as espécies associadas aos registros históricos utilizados como referência, bem como suas localidades.

As figuras utilizadas representam interpretações dos autores dos animais, deuses e personagens ilustrados, não constituindo necessariamente representações históricas. As artes são autorais e originais, produzidas especificamente para este trabalho a partir de pinturas e desenhos físicos, posteriormente digitalizados para tratamento e retoques utilizando a versão gratuita do aplicativo móvel **Ibis Paint X**.

Resultados e discussão

Os dados coletados (Tabela 1) revelam que, entre os 59 participantes, todos citaram as renas, sendo que 57,6% mencionaram exclusivamente esse animal, associado principalmente aos contos e histórias natalinas do Papai Noel (76,47%), animações e filmes (33,9%), ilustrações e cartões (8,5%) e decorações (6,8%). O urso-polar foi citado por 40,7% dos entrevistados, com menções à Coca-Cola (45,8%), relação com o frio e o Polo Norte (33,3%), cartões (29,2%), filmes e desenhos animados (20,8%), um vídeo viral da artista Elke Maravilha (16,7%), e outros contos e histórias (8,3%). Os animais do presépio (boi, burro, ovelha, cabra e galinha) apareceram coletivamente em 25,4% das respostas, vinculados à história de Jesus (93,3%) e aos tradicionais presépios decorativos (40%).

Pinguins foram citados por 13,6%, associados a filmes e desenhos (50%), cartões e ilustrações (37,5%), inverno e Polo Norte (25%), decorações (12,5%), e mencionados como ajudantes do Papai Noel (12,5%). A cabra e o bode preto surgiram desconectados do presépio em 3,4% das respostas, em conexão com Krampus. Cigarras e sapos foram mencionados uma vez (1,7%), justificados pela intensidade de seus cantos em dezembro. O pisco-de-peito-vermelho, também com uma menção (1,7%), foi associado aos cartões natalinos. O javali e o cavalo receberam cada um uma única menção (1,7%), justificada pela associação com os deuses Freyr e Freya ou com São Martinho, respectivamente. Por fim, o peru também recebeu uma única menção (1,7%), justificada pelo seu uso culinário na ceia de Natal.

Em nossos levantamentos bibliográficos, os animais encontrados com destaque histórico no contexto do Natal ou de festas precursoras, de forma simbólica (para além de culturas pecuárias genéricas na alimentação, sem correspondências específicas com o período e contexto), foram o porco ou javali (Kovárová, 2011; Walter, 2025), o cavalo (Sturluson, 1964; Paxson, 2020), a cabra ou bode (Ståhlberg, 2006; Rossel, 1996; Raedisch, 2013) e as renas (Maxfield, 1960; Bowler, 2000; Raedisch, 2013). Não obstante, o peru, o urso, o gato, o lince, o cão, o lobo e o pisco-de-peito-vermelho também são espécies documentadas em relação ao Natal e outras festas de origem (Vigfússon, 1874; Vries, 1976; Kaufman, 2004; Raedisch, 2013; Walter, 2025).

Algumas vezes esses aparecem acompanhados da palavra Yule, seja em suas raízes ou na forma como o termo se conservou no inglês. O *Yule Buck* (Bode de Yule) corresponde ao bode festivo chamado Julbock (tenha em mente que o "J" aqui tem som de "I", como ocorre em palavras e prefixos como *jul* ou *jól*, cuja pronúncia se aproxima de "*yule*" ou "*iul*"). O *Yule Cat* (Gato de Yule) remete ao célebre gato islandês conhecido como Jólaköttur. O *Yule Boar* (Porco de Yule), por sua vez, abrange diferentes tradições envolvendo o javali ou porco de inverno (Raedisch, 2013; Nichols, 2021). Esses nomes funcionam como um modo de reunir várias criaturas e práticas que aparecem no imaginário das celebrações de inverno, ressaltando a riqueza etnozoológica presente nesse conjunto de simbolismos e narrativas.

É notável que animais citados pelos entrevistados correspondem aos tradicionalmente emblemáticos, embora alguns relevantes tenham sido pouco mencionados, pois os participantes concentraram suas respostas nas renas e nos ursos.

Tabela 1. Animais mencionados (Pergunta 1: "Quais animais você associa ao Natal?") e respectivas justificativas (Pergunta 2: "De onde vem essa associação?"). Os 59 entrevistados puderam fornecer mais de uma resposta para cada pergunta, justificando as sobreposições nos valores. As categorias criadas seguem a lógica das respostas registradas, não representando categorias pré-padronizadas.

Animal	Menções (% por categoria)	Justificativas	Menções (% total)
Renas	45 (76,5%)	Contos e histórias do Papai Noel	59 (100%)
	20 (33,9%)	Animações e filmes	
	5 (8,5%)	Ilustrações e cartões	
	4 (6,8%)	Decorações	
Urso-polar	11 (45,8%)	*Coca-Cola*	24 (40,7%)
	8 (33,3%)	Frio e Polo Norte	
	7 (29,2%)	Cartões	
	5 (20,8%)	Filmes e desenhos	
	4 (16,7%)	Vídeo de Elke Maravilha	
	2 (8,3%)	Outros contos e histórias	
Animais do presépio	14 (93,3%)	História de Jesus	15 (25,4%)
	6 (40%)	Presépios decorativos	
Pinguim	4 (50%)	Filmes e desenhos	8 (13,6%)
	3 (37,5%)	Cartões e ilustrações	
	2 (25%)	Inverno e Polo Norte	
	1 (12,5%)	Decorações	
	1 (12,5%)	Ajudantes do Papai Noel	
Cabra e bode	2 (100%)	Krampus	2 (3,4%)
Pisco-de-peito-ruivo	1 (100%)	Cartões natalinos	1 (1,7%)
Sapo	1 (100%)	Alta atividade em dezembro	1 (1,7%)
Cigarra	1 (100%)	Alta atividade em dezembro	1 (1,7%)
Javali	1 (100%)	Deuses Freya e Freyr	1 (1,7%)
Cavalo	1 (100%)	São Martinho	1 (1,7%)
Peru	1 (100%)	Ceia de Natal	1 (1,7%)

As renas: do imaginário xamânico ao trenó de Noel

Rangifer tarandus (Linnaeus, 1758) (Artiodactyla: Cervidae), as renas, foram mencionadas por todos os entrevistados, sendo que mais da metade as citou exclusivamente. O resultado evidencia o impacto desse animal na cultura globalizada, a ponto de, para alguns brasileiros, ser a única referência animal natalina, apesar de a espécie não ocorrer no país. Observou-se que grande parte dessas associações deriva de animações, filmes, contos e histórias natalinas vinculadas ao Papai Noel, além das típicas decorações.

As renas sempre tiveram presença significativa no folclore norte-europeu, sendo vistas como animais totêmicos, embora não estivessem necessariamente associadas ao período do solstício de inverno (Davidson, 1998; Kalvig, 2020). Ainda assim, eram vinculadas ao inverno de maneira geral e, em diversas crenças europeias pré-cristãs, estavam relacionadas ao Sol e à travessia espiritual, como entre os Sámi, cujas cosmologias atribuem às renas funções xamânicas e psicopompas. Aparecem com destaque nos tambores xamânicos, também chamados de tambores de bruxa, feitos de pele de rena e com renas pintadas. Tais instrumentos foram e são usados para adivinhação e comunicação com os deuses. Além da conexão com o mundo espiritual, sua importância se conecta ao fornecimento de transporte e alimento (Raedisch, 2013; Kalvig, 2020; Britannica, 2025).

No entanto, as renas foram definitivamente incorporadas ao imaginário natalino e ao folclore do Papai Noel a partir da publicação do poema **A Visit from St. Nicholas**, alternativamente intitulado **The Night before Christmas**, em 1823, atribuído principalmente a Clement Clarke Moore, nos Estados Unidos. O poema introduziu oito renas: Corredor, Dançarina, Saltadora, Vixen, Cometa, Cupido, Trovão e Relâmpago (Blakemore, 2024). A mais popular, no entanto, viria a ser a nona rena, Rudolph (Figura 1), com seu nariz vermelho brilhante, que surge em 1939 na obra de Robert L. May (Mikkelson, 2013).

Figura 1. Rudolph: Um dos personagens mais populares nas histórias de Papai Noel, chamando atenção por seu nariz vermelho incandescente, que serve de farol pela noite. **Rudolph** – Perrotta & Ferraz, 2025.

Um fato engraçado é que em dezembro, machos renas estariam mais fracos e sem chifres após a reprodução no outono. De forma que as renas robustas, peludas e com belos chifres em pleno dezembro, como as representadas com o Papai Noel, não seriam o cenário biológico mais provável para machos (o que provavelmente não se aplica aos animais mágicos e voadores das lendas natalinas). As fêmeas por sua vez, nesse período estariam grávidas (Ropstad, 2000; Raedisch, 2013).

O cavalo: um corcel lendário para o Pai de Todos e performances festivas

O cavalo (*Equus ferus caballus* Linnaeus, 1758 - Perissodactyla: Equidae) foi citado apenas uma vez e conectado à figura de São Martinho, que, segundo a lenda, teria sido batizado no Natal. Apesar da única citação, é um animal que se destaca nas celebrações ancestrais de inverno. A presença do cavalo é documentada em diferentes rituais germânicos (STURLUSON, 1987; PAXSON, 2020; NICHOLS, 2021).

Alternativamente às renas, temos Sleipnir (Figura 2). O cavalo de oito patas é referido como o corcel de Odin, divindade considerada o pai de todos no imaginário germânico, em especial nórdico. Durante o Yule (ou em outras ocasiões), Odin cavalgava pelos céus montado em Sleipnir. Dessa forma, além de acompanhá-lo nas lendárias Caçadas Selvagens, o mítico Sleipnir também o acompanhava enquanto distribuía presentes ou punições (STURLUSON, 1964; BAKER, 2007; PAXSON, 2020). Essa imagem poderia ter influenciado a iconografia posterior do Bom Velhinho e seu trenó voador, já que a figura do Papai Noel, embora sincretizada com São Nicolau, é também um reflexo arquetípico de figuras pagãs como Odin e o Papai Inverno (*Father Winter* ou O*ld-Man-Winter*) (JENNBERT *et al*., 2006; BAKER, 2007; JERMAN, 2020).

Figura 2. O deus Odin e Sleipnir, o cavalo de oito pernas: Descrito como o melhor e mais rápido cavalo, Sleipnir é corcel de Odin. Sua relevância mitológica e presença nos xamanismos germânicos, especialmente nórdicos, fazem com que ainda hoje ele esteja vivo em narrativas populares, tendo, por exemplo, o desfiladeiro de Ásbyrgi, na Islândia, creditado como criação dele no folclore islandês. O caráter xamânico do paganismo nórdico permite interpretações de que Sleipnir seja uma extensão do próprio Odin. O Pai de Todos, por sua vez, embora tenha se popularizado na cultura pop com um arquétipo militar e montado de armaduras, era principalmente uma divindade xamânica, representada iconograficamente como um mago ou sábio e relacionada a elementos que possivelmente foram compartilhados posteriormente, através de ecos culturais, com o folclore do Papai Noel. Além disso, é uma divindade central na mística do inverno e em suas celebrações, recebendo o título de *Jólnir*, que significa "Homem do Yule". **Sleipnir e Odin, o Homem do Yule** – Ferraz & Perrotta, 2025.

Ainda em áreas nórdicas, aparece o Cavalo de Yule, um conceito com algumas variações. O primeiro exemplo é o Habersack (a palavra refere a uma espécie de saco de lona), uma figura natalina bem simples, feita com vassouras erguidas, galhos e tecido. Apesar da ideia ser representar um cavalo, ele provavelmente é derivado do Julbock (o Bode de Yule, discutido posteriormente). Já o *hobby-horse* (cavalo "hobby", em provável referência ao aspecto brincalhão) é uma cabeça de cavalo esculpida, usada por artistas que aparecem montados no item. Se tornou comum em festas antigas por ser festivo e acrobático, não por ter algo essencialmente natalino. Outra tradição germânica antiga registrada também usa uma cabeça de cavalo, dessa vez literal, que poderia ser colocada na ponta de um bastão, lembrando antigos postes de afronta vikings, que serviam para afastar maus espíritos ou lançar maldições. Outra ideia de Cavalo de Yule consiste em intérpretes que se cobrem com um lençol e avançam de forma brincalhona em direção das pessoas e casas, levando bênçãos e uma limpeza simbólica para os lares visitados. Em troca, recebem comida, bebida ou algumas moedas (Raedisch, 2013).

Saindo dos países nórdicos, temos algumas variantes, como a égua galesa Mari Llwyd, feita com um crânio verdadeiro de cavalo coberto por um lençol alvo e adornado com itens coloridos. Ela chega cantando e participa de uma disputa de versos com os moradores e, inevitavelmente, entra na casa para receber doces e sidra antes de deixar votos de prosperidade. Na Irlanda, sua equivalente é a Lair Bhan, a égua branca natalina. De modo geral, o Cavalo de Yule é uma tradição rica e muito antiga, bastante difundida na Europa (Raedisch, 2013) e que pode lembrar algumas tradições de Folia de Reis brasileiras.

O urso: das cavernas pagãs ao refrigerante de cola

O urso-polar, *Ursus maritimus* Phipps, 1774 (Carnivora: Ursidae), também citado por boa parte dos participantes, sugere integrar o imaginário natalino principalmente devido à associação com a marca **Coca-Cola**, responsável por quase metade das menções. Tais dados revelam o impacto não apenas comercial, mas também cultural da marca, influenciando o imaginário popular. Contos, histórias, cartões, decorações, filmes e desenhos animados justificaram uma pequena parte das menções. Outro destaque foi a relação desses animais com o frio e o Polo Norte, mesmo que o Natal no Brasil ocorra durante o verão.

Uma história contada pela artista Elke Maravilha em um vídeo viral foi a justificativa de parte das pessoas que mencionaram o urso-polar. Em 2010, a artista contou que, cerca de 15 a 20 mil anos antes de Cristo, durante os solstícios de inverno nórdicos, as aldeias precisavam armazenar alimentos para sobreviver aos meses rigorosos, como nozes, castanhas e peixes secos. No dia mais escuro do ano, reuniam-se ao redor do pinheiro, sempre verde mesmo sob temperaturas extremas, acendiam velas e pediam que a vida vencesse a morte, a luz as trevas e a sabedoria a ignorância. O xamã realizava ritos de passagem, enviando jovens para caçar ursos brancos, símbolos de força; a pele do animal, vestida pelo caçador com o sangue voltado para fora, tornava-se um símbolo de renovação e coragem, prática que teria inspirado elementos da figura do Papai Noel (Grünupp, 2010). Essa narrativa, embora incorpore elementos históricos, não é completamente documentada, representando, no entanto, um reflexo válido de tradições folclóricas e reconstruções simbólicas possivelmente herdadas da herança germânica da artista.

Além dos polares, outros ursos (*Ursus* Linnaeus, 1758) também são documentados em relação ao Natal e outras festas de origem (Vigfússon, 1874; Kaufman, 2004; Raedisch, 2013), bem como em manifestações neopagãs modernas, ainda que de forma mais indireta, por interpretações simbólicas do animal ligadas ao retiro e à resistência (características importantes no inverno) e à associação com deuses próximos das temáticas invernais, como Ukko, Odin e Veles (Andrews, 2000; Baker, 2007; Kojic, 2016). No que diz respeito aos resgates neopagãos, no Brasil esses elementos não são necessariamente incorporados nas festas de dezembro, pois, devido à natureza sazonal das celebrações pagãs como Yule e outras festividades de inverno, essas tendem a ocorrer entre junho e julho, correspondendo ao período em torno do solstício de inverno no Hemisfério Sul (Zell-Ravenheart, 2011).

Os pinguins: escorregando de barriga para longe de casa

Pinguins (Sphenisciformes: Spheniscidae) também foram citados e as associações registradas foram

citados e as associações registradas foram justificadas pela presença desses animais em filmes e desenhos natalinos, cartões e ilustrações, referências ao inverno e ao Polo Norte, decorações de Natal, bem como pela ideia de que atuariam como ajudantes do Papai Noel.

É interessante a inferência de que os pinguins seriam animais natalinos devido aos seus ambientes frios, que remetem ao Papai Noel e ao Polo Norte. As espécies viventes de pinguim, no entanto, ocorrem exclusivamente no Hemisfério Sul, não habitando o Polo Norte (Borboroglu, 2015). Embora isso revele um equívoco quanto à distribuição geográfica das espécies, também demonstra que o Polo Norte do imaginário natalino, a terra do Papai Noel, não se limita a uma região geográfica real, sendo um território místico. Afinal, onde existe um Papai Noel e elfos trabalhadores, a presença de pinguins não seria tão absurda. Além disso, essas associações reconstroem narrativas natalinas para os ambientes frios do outro lado da Linha do Equador.

Uma outra alternativa para a associação com pinguins poderia ser a presença do arau-gigante [*Pinguinus impennis* (Linnaeus, 1758) - Charadriiformes: Alcidae] no Atlântico Norte, até sua extinção por volta de 1844 (Bengtson, 1984). No entanto, a conexão entre o Papai Noel e o Polo Norte provavelmente se difunde apenas a partir de 1866, através da obra artística de Thomas Nast (Seal, 2005).

Animais do presépio: a vaca, o burro, a ovelha, a cabra e a galinha

Embora a vaca (*Bos taurus* Linnaeus, 1758 - Artiodactyla: Bovidae), o burro (*Equus africanus asinus* Linnaeus, 1758 - Perissodactyla: Equidae), a ovelha (*Ovis aries* Linnaeus, 1758 - Artiodactyla: Bovidae), a cabra (*Capra hircus* Linnaeus, 1758 - Artiodactyla: Bovidae) e a galinha [*Gallus gallus domesticus* (Linnaeus, 1758) - Galliformes: Phasianidae] tenham sido mencionados, eles foram agrupados na categoria "animais do presépio", pois apareceram apenas como exemplos de participantes que mencionaram o presépio, e não como símbolos específicos. A cabra é uma exceção, que será discutida posteriormente, pois foi citada com outra justificativa. O burro, ainda que mencionado no contexto do presépio, teve sua narrativa especificada como montaria de Maria.

O presépio foi citado por um quarto dos participantes, todos associando-o diretamente à cena do nascimento de Jesus, mas não necessariamente ao cenário decorativo. Alguns demonstraram compreender o conceito de presépio como sinônimo de ambientes com estábulos, manjedouras e etc., como o que ambienta a história do Menino Jesus. Apenas 40% diferenciaram os presépios decorativos de Natal, tratando-os como representações artísticas da cena original, embora ainda se referissem a esta como a cena do presépio. A ampliação do conceito de presépio, inicialmente referente ao cenário representado e não a ambientes de estábulos em si, evidencia o quão emblemático esse elemento se tornou, de modo que o nome da representação passou a incorporar o próprio elemento representado.

A tradição de montar presépios é oriunda da Itália, atribuída a São Francisco de Assis, e no Brasil se difundiu a partir do século XVII, com a fundação do Convento de Santa Clara em Taubaté (SP). Inspirados pelos primeiros presépios franciscanos apresentados aos taubateenses, os mais abastados compravam esculturas da Europa para montar os seus, enquanto os mais pobres produziam suas próprias peças (Boll *et al*., 2005). Hoje, em todo o país, é comum que as famílias ambientem a cena do nascimento de Jesus em um estábulo, com a manjedoura como ponto central. Algumas pessoas mantêm o presépio montado durante todo o mês de dezembro, inserindo a imagem de Jesus apenas no dia do Natal. A prática evoca animais do meio rural, relevantes tanto nas tradições pagãs quanto no contexto do nascimento de Jesus, permanecendo presentes culturalmente também devido à longa história de agricultura e vida rural brasileira.

O peru: da América à Europa e de volta à América

Curiosamente, apenas uma pessoa citou o peru, com a justificativa da presença tradicional da ave nas ceias natalinas. O peru-doméstico (*Meleagris gallopavo domesticus* Linnaeus, 1758 - Galliformes: Phasianidae) foi introduzido na Europa pelos espanhóis no século XVI (Speller *et al*., 2010). Inicialmente uma iguaria disponível apenas para pessoas abastadas, era usado em ocasiões festivas, enquanto os mais

pobres, por sua vez, celebravam festas como o Natal com gansos (*Anser* Brisson, 1760 e *Branta* Scopoli, 1769 - Anseriformes: Anatidae) (JOHNSON, 2012). Tornando-se mais acessível e difundido com o passar das décadas, hoje também é um símbolo de Natal para muitas pessoas, embora não representativo em nossa amostra de entrevistados.

É importante pontuar que, embora a ave seja originária da América do Norte, sua integração em celebrações como o Natal e o Dia de Ação de Graças nas Américas contemporâneas não é linear. Sua presença nessas festividades pode ser interpretada como reflexo de processos imperialistas e coloniais: o animal foi exportado da América para a Europa durante o período colonial e, após ser incorporado à cultura do colonizador, retornou à América inserido nas tradições de Natal do Novo Mundo, evidenciando uma circulação cultural complexa entre continentes.

O bode e a cabra: signos ancestrais de espíritos, deuses e festas

A cabra e o bode foram citados por associações com a figura de Krampus (Figura 3), o parceiro assustador do Papai Noel. A figura que ao mesmo tempo representa a contraparte assustadora do Bom Velhinho e aplica castigos, possivelmente reflete também uma face sombria presente nas origens ancestrais e divinas de ambas as entidades (RIDENOUR, 2016). Embora a criatura, com seus chifres, pelos e cascos caprinos, não tenha se popularizado no Brasil, assim como as festas às quais está associada, ela foi lembrada na pesquisa, trazendo a associação do bode ao Natal.

Figura 3. Krampus: O assustador acompanhante do Papai Noel que aplica castigos aos que se comportam mal. Diversas tradições relacionadas a ele se mantêm até hoje em diferentes regiões. É representado de forma variada, podendo ser mais humano, demoníaco ou bestial, com traços animalescos atribuídos principalmente aos bodes e carneiros. Suas características físicas e representações artísticas e culturais, com chifres, peles, madeira e vinhas, podem remontar a antigas divindades da terra. **Krampus** – Perrotta & Ferraz, 2025.

Não apenas por conta do Krampus, a cabra e o bode aparecem com destaque nas pesquisas bibliográficas sobre etnozoologia natalina. Esses animais são associados aos deuses Odin e Thor em paganismos. Tais divindades não apenas antecederam o cristianismo, mas coexistiram com ele durante séculos na Europa. Países nórdicos que cultuavam essas divindades estão nas regiões germânicas que mais demoraram a ser cristianizadas (FLOWERS, 2016; NICHOLS, 2021). O contato prolongado resultou em diversos sincretismos, além das expressões religiosas modernas que resgatam tais costumes (STURLUSON, 1964; STURLUSON, 1987; PAXSON, 2006; FLOWERS, 2016; NICHOLS, 2021).

Enquanto a relação entre Odin e a cabra tende a ser mais típica nas celebrações de inverno, com bodes, geralmente pretos, sendo colocados nas decorações em homenagem a ele, a cabra é mais amplamente vinculada a Thor, cuja carruagem é conduzida por duas cabras míticas, Tanngrisnir e Tanngnjóstr (Figura 4.A). Essas criaturas, que podem ser abatidas e revividas por Thor, representam uma fonte inesgotável de alimento e expressam a generosidade divina, em consonância com a imagem do deus como protetor e provedor da humanidade. Esses elementos estabelecem a ligação do animal com a sobrevivência, com a vida no campo e com a mitologia relacionada ao inverno germânico (Paxson, 2006; Gaiman, 2017; Paxson, 2020).

A figura de Julbock, a Cabra ou Bode de Yule, também reforça a relevância simbólica da cabra nas festividades de inverno. Simbolizando fertilidade, proteção e abundância, foi incorporada às tradições invernais germânicas ora como um espírito que visitava as casas para receber oferendas, ora como aquele que trazia presentes. Dessa tradição derivam alguns dos enfeites natalinos mais antigos e icônicos: cabras e bodes confeccionados com feixes de palha e amarrados com fitas vermelhas, igualmente chamados de Julbock (Figura 4.B). Acredita-se, desde tais velhos tempos, que um Julbock próximo à lareira ou à árvore de Yule/Natal atrai proteção, fartura e boa sorte para o ano que se inicia (Cyriax, 1923; Kvideland & Sehmsdorf, 1990).

Representando uma fonte essencial de sustento (fornecendo leite, carne e couro mesmo nos meses mais rigorosos) as cabras, principalmente raças de *Capra hircus* adaptadas ao clima frio, refletiram em símbolos diretos de sobrevivência e prosperidade invernal de forma nada fortuita (Cooper, 1979; Hirst, 2022). Na Suécia, destaca-se o Festival de Gävle, que desde 1966 ergue anualmente um bode gigante de palha, o Bode de Gevália (Gävlebocken), hoje considerado um dos ícones modernos do solstício de inverno e do Natal escandinavo (Gävle, 2025).

Figura 4. A. O deus Thor e as cabras: Tanngrisnir, o "desnudador e rosnador", e Tanngnjóstr, o "moedor de dentes", são os bodes que puxam a carruagem de Thor, deus do fogo, trovão e das fazendas, pela terra e pelos céus. Thor eventualmente mata e cozinha os animais, mas eles ressurgem vivos, sendo uma fonte de alimento perene e se conectando aos conceitos xamânicos de sacrifício e ressurreição. **Os amigos do Deus do Trovão** – Ferraz & Perrotta, 2025. **B.** Julbocken: A Cabra de Yule, é uma tradição escandinava e do paganismo germânico, que se difundiu pelo mundo, hoje especialmente em expressões neopagãs. Suas origens não são totalmente claras, mas há indicações de relação com Thor e suas cabras, com o espírito chamado também de Julbocken (que visita as casas no período invernal para garantir que os preparativos de Yule estão acontecendo), ou com Odin, por ser o próprio "Homem do Yule" e se relacionar diretamente com a narrativa do Bode de Yule. **Julbocken** – Perrotta & Ferraz, 2025.

Uma palavra de raiz proto-germânica (entre outras, possivelmente) que poderia se referir aos bodes era *bukka*. Nas misturas e contatos entre as línguas indo-europeias, o termo passou a nomear também espíritos brincalhões, zombeteiros e portadores de chifres. Assim, essa raiz aparece refletida no nome de figuras como o *pooka* celta, o *puk* báltico, ou mesmo o duende de nome Puck, da obra **Sonhos de uma Noite de Verão**, de Shakespeare. Esse conjunto de associações folclóricas viajou pelo norte da Europa e acabou chegando também à Finlândia, onde temos o homem-bode que acabou assumindo o papel de

Papai Noel finlandês, chamado de Joulupukki (RAEDISCH, 2013).

O javali e o porco: sacrifício, fantasmas e amigos dos deuses

Uma única menção foi feita ao javali (*Sus scrofa* Linnaeus, 1758 - Artiodactyla: Suidae), justificada por relação com o paganismo. Os porcos, provavelmente espécies selvagens, mas com ênfase no javali-euroasiático, aparecem em registros de contextos sacrificiais, tanto em tradições germânicas (STURLUSON, 1964; PAXSON, 2006; NICHOLS, 2021) quanto na Saturnália romana (Miller, 2010; Scheid, 2016). O Sonargöltr (Porco de Yule) era sacrificado em ritos de Yule conhecidos como Sonarblót, nos quais votos solenes eram feitos sobre o pelo do animal e a bênção de deuses da fertilidade, como Freyr, Freya e Njörd, era solicitada antes que todos festejassem e compartilhassem o animal sacrificado em um banquete comunitário (NICHOLS, 2021).

Sacrifícios envolvendo o abate ritualístico de animais em contexto cerimonial, que em seguida eram preparados e servidos em banquetes, também podiam ocorrer em festas romanas. Animais de fazenda eram sacrificados e servidos na Saturnália, que com o passar do tempo pode ter sido mesclada ao festival de solstício de inverno chamado Brumália, o qual persistiu até o século VI da era cristã. A Saturno e Ceres sacrificavam-se suínos, e a Baco, caprinos (LEITE, 2006; MILLER, 2010; SCHEID, 2016).

A associação do deus Freyr com o javali se estende para além do Sonarblót, uma vez que Gullinbursti, o mítico javali dourado (Figura 5), é o seu corcel e possui atributos mágicos ligados à luz e à fertilidade. A presença de Freyr em festividades de inverno, associada aos pedidos de prosperidade, fertilidade e bom tempo, evocava consigo a figura do javali.

Figura 5. O deus Freyr e seu corcel Gullinbursti: Freyr, deus agrícola da fertilidade, terra e virilidade, junto ao seu companheiro Gullinbursti, um javali enorme e dourado, cujo pelo luminoso simboliza fertilidade, prosperidade e vigor, relembrando a Promessa do Verão e inspirando força para atravessar o inverno. O deus e seu corcel emanam a energia do verão, a força e a prosperidade agrícola, e justamente por isso eram relembrados nos invernos rigorosos, como emblemas de proteção e abundância. **Freyr e Gullinbursti, o Amigo Dourado** – Perrotta & Ferraz, 2025.

A irmã de Freyr, Freyja, senhora do amor, da magia, do ouro e da terra, também é importante em ritos contemporâneos e possivelmente nos ritos ancestrais de Yule. Ela foi mencionada junto a Freyr por um entrevistado adepto do neopaganismo germânico, que citou o javali. Assim como Freyr, a deusa tem um companheiro javali, chamado Hildisvini. Textos antigos como Heimskringla e outras sagas mencionam oferendas e celebrações de inverno envolvendo divindades da fertilidade (STURLUSON, 1964; STURLUSON, 1987)

Intimamente ligada a vários animais (como gatos, linces, falcões e os suínos), Freya não é diretamente citada nessas menções. No entanto, a relevância central da deusa sugere sua participação. A deusa também se relaciona ao inverno na narrativa em que chora lágrimas douradas, lamentando a ausência do amor, e só derrama fertilidade e abundância sobre o mundo quando, alegre, o reencontra.

Histórias como essa funcionam como metáforas animistas para a transição entre inverno e primavera (STURLUSON, 1987; PAXSON, 2006; GAIMAN, 2017). Além disso, Sýr (porca) é um dos nomes da deusa (Figura 6). Isso, junto à aliança com Hildisvini (Porco de Batalha), associou Freya aos animais e entidades suínas, como a porca luminosa natalina discutida posteriormente. Da mesma forma, reafirmava seu papel como deusa de fertilidade e abundância. Isso porque, além de oferecer alimento de carne, os porcos e javalis agiam como arados vivos, revolvendo o solo e farejando trufas (RAEDISCH, 2013).

Figura 6. A deusa Freya como porca: Freya, entre seus inúmeros nomes e títulos, também apresenta Sýr, nome que às vezes é traduzido como porca, mas que também pode significar proteger, entre outras possibilidades. Independentemente disso, o simbolismo dos suínos se conecta aos atributos e às bênçãos de Freya, harmonizando as crenças animistas relacionadas a esses animais com o culto à deusa do amor. Entre outros animais fortemente associados a Freya, destacam-se os gatos e linces que puxam sua carroça e as aves, como o falcão, no qual ela se metamorfoseia e cujo manto de penas douradas utiliza. **Freyja como Sýr, a Porca Deslumbrante** – Ferraz & Perrotta, 2025.

Além do javali, também é esperado que outros porcos selvagens, ou mesmo o porco doméstico (*Sus scrofa domesticus* Linnaeus, 1758, na época bem parecido com o javali), pudessem ser atribuídos aos mesmos costumes e simbolismos. Alternativamente, o *Sonargöltr* também podia ser um pão na forma de javali ou porco, que trazia na receita os grãos da última colheita. Hoje em dia, ainda são feitos doces dourados (como marzipans), em referência ao Gullinbursti, que são comercializados como amuletos de prosperidade e boa fortuna para o ano novo.

Outra lenda interessante é a de Gloso, a porca luminosa. Essa entidade gostava de oferendas como mingau e trigo e, quando não agradada na véspera das festas, assombrava a cozinha ou a sala de jantar durante as doze noites de Natal (as comemorações germânicas geralmente celebravam o período de inverno em torno do solstício, e não uma data específica, e isso se manteve até em tradições cristãs posteriores em algumas regiões). Tal porca luminosa se manifestaria de forma fantasmagórica, com cerdas que soltavam faíscas e olhos ardendo em brasas (RAEDISCH, 2013).

Semelhantemente, outra porca fantasmagórica sueca era considerada um arauto de um inverno rigoroso quando vista cruzando os céus, às vezes acompanhada de seus filhotes. Também havia interpretações segundo as quais os porcos que receberam bons cuidados ao longo do ano, ao serem surpreendidos com o abate antes do Natal, poderiam tornar-se espíritos atordoados (RAEDISCH, 2013). Essa

leitura pode ter surgido a partir da transição do abate de Yule, que envolvia ritualização e uma compreensão de honra à morte do animal, para o abate de Natal, em um contexto em que os animais passaram a ser interpretados como recurso e não como ente, acompanhando a substituição gradual do animismo pelo cristianismo.

O pisco-de-peito-vermelho: um tordo virtuoso

Houve uma menção ao pisco-de-peito-vermelho, *Erithacus rubecula* (Linnaeus, 1758) (Passeriformes: Muscicapidae), associado a artes natalinas pelo entrevistado. De fato, a espécie é tradicionalmente utilizada em cartões, selos e outros objetos com pinturas e desenhos natalinos desde meados do século XIX (Vries, 1976; Cooper, 1992). Uma possível justificativa é a lenda de que esse tordo ficou com o peito ruivo devido uma gota do sangue de Cristo, que o coloriu de vermelho depois que ele retirou um espinho da coroa durante a crucificação, tornando-se um símbolo de caridade e devoção (Goodall, 2013).

O gato e o lince: acompanhantes divinos e o devorador de preguiçosos

Embora não tenha sido citado entre os entrevistados e simbolicamente ou arquetipicamente não tenha se destacado em nossas pesquisas, um personagem que merece menção é o Jólaköttur (Gato de Yule). Apreciando humanos preguiçosos como seus "petiscos", o Gato de Yule é um personagem presente particularmente na Islândia, sendo provavelmente uma versão aumentada de gatos peludos (*Felis catus* Linnaeus, 1758 - Carnivora: Felidae) ou de linces [*Lynx lynx* (Linnaeus, 1758) - Carnivora: Felidae]. Diferentemente dos gatos, os linces não ocorriam e nem foram introduzidos na Islândia, onde a figura do Jólaköttur é mais presente. No entanto, eles estavam presentes no imaginário nórdico em geral, devido à associação com Freya e à semelhança dos gatos domésticos das raças nórdicas, adaptadas ao inverno (Raedisch, 2013; Secretariat, 2023).

A partir do outono, época em que as pessoas deviam trabalhar intensamente devido ao inverno vindouro, trabalhadores considerados preguiçosos por seus patrões eram punidos ao não receber as prendas de final de ano, que consistiam em roupas novas para passar o Natal. Dizia-se que os criados e trabalhadores rurais que aparecessem com roupas velhas no final do ano seriam levados pelo Gato de Natal ou Gato de Yule, pois o sinal de sua preguiça atraía o Jólaköttur (Raedisch, 2013).

A lenda, que pode ser interpretada como um mecanismo de controle social, anteriormente a isso também estimulava as pessoas a serem laboriosas nos períodos que antecedem o inverno, especialmente nos tempos mais antigos. De maneira geral, os germânicos exaltavam a laboriosidade como uma virtude importante (Sturluson, 1964; Sturluson, 1987; Paxon, 2006), sendo inclusive refletida em trechos do **Hávamál** ("As Palavras do Altíssimo"), um texto antigo atribuído a ensinamentos de Odin, mas que historicamente evidencia valores típicos das sociedades germânicas, em especial as nórdicas. Um exemplo, mencionando mais um animal, afirma: "Raramente um lobo preguiçoso consegue comida, ou um homem dorminhoco, a vitória" (Sturluson, 1987; Medeiros, 2013).

O lobo e o cão: lobisomens e fantasmas natalinos

Uma lenda interessante diz que as crianças nascidas no Natal (ou no solstício de Yule, nos tempos mais antigos) eram capazes de ver e interagir com os espíritos, enquanto aquelas nascidas nos doze dias que cercam as festas nórdicas de inverno poderiam se tornar lobisomens. Embora a ideia de Yule seja germânica, a concepção monstruosa do lobisomem não remonta diretamente às raízes dessa região. A noção de lobisomem em origem poderia estar mais conectada ao culto a deuses como Odin e Freya, em transformações simbólicas rituais (ditas como espiritualmente literais), onde humanos poderiam assumir formas de lobos ou ursos, algo que se relaciona com os famosos guerreiros berserkers. Já a figura clássica do lobisomem que espreita as comunidades, nesse caso especialmente associada ao período invernal, pode ser uma herança da Lupercália romana, realizada nos idos de fevereiro, festival ligado a lobos, personagens e divindades lupinas, que teria sido reinterpretada e transferida para Yule (Raedisch, 2013;

PAXON, 2020; CONWAY, 2022).

Além disso, em diferentes regiões, a figura do lobisomem se entrelaça com o Natal de maneiras variadas. Para letões e lituanos, os lobisomens eram um problema até a véspera do dia de Santa Luzia, em 12 de dezembro. Na Grécia meridional, lobisomens de origem turca (os kallikantzaroi) eram ditos visitar casas na véspera de Natal. Entre os bálticos, acreditava-se que, enquanto os humanos ceavam para celebrar o Natal, os lobisomens se reuniam e ceavam o gado roubado; quem ignorasse esses roubos garantia proteção ao longo do ano. Até hoje, alguns alemães supersticiosos evitam pronunciar a palavra "lobo" durante o período natalino para impedir que alguém se transforme em lobisomem, enquanto lituanos mencionam os lobos nas celebrações de Natal como forma de mantê-los afastados (RAEDISCH, 2013; CONWAY, 2022).

Berchta, Holda e Holle, consideradas variações de uma mesma deusa germânica, são associadas ao inverno, à caça, à magia e aos espíritos, podendo interagir com humanos e animais. Após a cristianização, surgiu a lenda de que, entre o Natal e a Epifania (celebrada no dia 6 de janeiro), a deusa passeava pelos céus e pela terra acompanhada de cães, incluindo cães espectrais, coletando crianças não batizadas (RAEDISCH, 2013).

Sapos e cigarras: inspirações finais sobre esse estudo de etnozoologia natalina

Uma única pessoa mencionou cigarras (Hemiptera: Cicadoidea) e sapos (Anura) em referência à frequência com que esses animais são ouvidos em dezembro em sua região (localizada no Rio de Janeiro, Brasil). Essa menção é interessante sob a ótica da etnozoologia como fonte de saberes populares sobre a natureza. A associação não se baseia em lendas ou tradições, mas na percepção empírica do entrevistado sobre o período de dezembro. A intensificação da atividade acústica, relacionada à reprodução, de várias espécies desses animais é esperada, considerando os padrões reprodutivos influenciados pela chuva e pelo calor já documentados (ABRUNHOSA *et al*., 2006, 2014; MANIA, 2017). A menção despretensiosa do sapo e da cigarra mostra como a presença dos animais nas narrativas natalinas pode se expandir e demonstra o potencial válido de propor expressões decoloniais, trazendo as cigarras, anuros e outros protagonistas do verão brasileiro para as festas.

DISCUSSÃO

É notável a importância de diversos animais na cultura natalina. No Brasil, esses símbolos mantêm-se presentes nascendo e se transformando a partir da organicidade cultural brasileira, da globalização e de heranças das tradições cristãs e das fontes pagãs das quais a celebração se alimenta. O resultado gerado é uma festividade emblemática para grande parte das pessoas, independentemente de suas associações religiosas

O estudo focou em manifestações de culturas pagãs germânicas e romanas, bem como em elementos cristãos posteriores, apenas por serem os eixos simbólicos, rituais e imagéticos principais das tradições e práticas natalinas contemporâneas. No entanto, é válido abrir a mente para investigar os animais em diferentes culturas ao longo do mundo nesse período, inclusive no Brasil, onde, além da riqueza dos povos originários, temos a bagagem e a expressão das religiosidades brasileiras, como os ricos ritos em homenagem a Yemanjá, a “Mãe cujo os filhos são peixes”, que acontecem nessa época e se estendem aos primeiros meses do ano.

Também é válido pensar em maneiras possíveis de comunicar nossa fauna com os símbolos natalinos. Dividindo o palco com os javalis, temos o queixada [*Tayassu pecari* (Link, 1795) - Artiodactyla: Tayassuidae], vulnerável de acordo com a IUCN (2025). Apesar de não ser um verdadeiro lupino, dividindo espaço com os lobos, temos o lobo-guará [*Chrysocyon brachyurus* (Illiger, 1815) - Carnivora: Canidae]. Majestosos como as renas nórdicas, e também de conservação vulnerável (IUCN, 2025), temos o cervo-do-pantanal [*Blastocerus dichotomus* (Illiger, 1815) - Artiodactyla: Cervidae].

Voltando aos anuros, levando em consideração seu potencial na zoologia cultural e a necessidade

de educação ambiental quanto aos representantes do grupo (Ferraz & Perrotta, 2024), é interessante explorar formas de incluí-los em narrativas natalinas, algo que pode ser útil, por exemplo, na produção de materiais de popularização e divulgação científica ou educação ambiental em mídias sociais durante o final do ano, ou mesmo na elaboração de conteúdos lúdicos voltados tanto para crianças quanto para o público geral.

A simpática espécie das restingas, mais conhecida como perereca-de-capacete [*Nyctimantis brunoi* (Miranda-Ribeiro, 1920) - Anura: Hylidae], também é chamada de sapo-duende e profeta-da-noite. Além de serem nomes adequados para narrativas natalinas, vocaliza com mais intensidade em períodos quentes e chuvosos, que, em suas regiões de ocorrência, englobam os meses festivos (Ferraz *et al*., 2025 - no prelo). Em um relato pessoal, durante uma celebração natalina em família no interior do Rio de Janeiro, em 2023, o som de fundo durante toda a noite não era de sinos, mas sim do sapo-martelo ou sapo-ferreiro [*Boana faber* (Wied-Neuwied, 1821) - Anura: Hylidae], cujo canto lembra batidas de martelo. Na mesma época, espécies ativas que podem exibir o típico verde natalino, como a perereca-araponga [*Boana albomarginata* (Spix, 1824)] e a perereca-macaco ou perereca-das-folhagens (*Phyllomedusa burmeisteri* Boulenger, 1882 - Phyllomedusidae), podem se tornar emblemáticas. Um último exemplo, entre tantos que poderíamos criar, é o sapinho-limão [*Sphaenorhynchus planicola* (Lutz & Lutz, 1938) - Hylidae], que, além de verde, vocaliza um som que lembra guizos, sendo ouvido também em dezembro (Ferraz *et al*., 2025). O Natal moderno, democrático e festivo, que transpassa religiões e costumes estabelecidos, tem espaço para esses exemplos e para todos os outros que nossa imaginação permitir (Figura 7).

Figura 7. Representações natalinas de espécies nativas: o sapo-duende (*Nyctimantis brunoi)*, o porco-queixada (*Tayassu pecari*), a coruja-rasga-mortalha [*Tyto furcata* (Temminck, 1827) - Strigiformes: Tytonidae] e a árvore da pimenta rosa, aroeira-vermelha (*Schinus terebinthifolia* Raddi - Sapindales: Anacardiaceae). **Um Feliz Natal Brasileiro e Animal** – Perrotta & Ferraz, 2025.

Conclusão

Propomos pensar o Natal como uma época para exaltar os animais. Em narrativas tradicionais, destacam-se as renas nórdicas e o urso-polar, ambos ameaçados pelas pressões antrópicas e pelas mudanças climáticas, sendo considerados vulneráveis quanto à sua conservação (IUCN, 2025). Esses animais podem funcionar como emblemas de conscientização e de luta pela preservação das espécies, além de símbolos de resistência ao aquecimento global e à crise climática.

Ao mesmo tempo, é importante refletir sobre a forte presença desses animais no imaginário brasileiro. Quase completamente desconectada dos folclores originários e saberes ancestrais da Europa

indígena e pré-cristã, a menção de tais animais é justificada principalmente pela associação a marcas e mídias estrangeiras que, junto às menções aos presépios, concentrou a maioria das respostas. Não devemos ignorar o processo de sequestro do imaginário, caracterizado pela ação de forças como o capitalismo e religiões hegemônicas, que introduzem seus símbolos e narrativas em substituição aos símbolos e narrativas ancestrais (Galeano, 2010; Rufino, 2019).

É, portanto, interessante encontrar formas de trabalhar positivamente, por exemplo, a figura da rena e do urso para além da imagem comercial, resgatando imaginários antigos anteriores à imposição hegemônica ou colonizadora ao buscar inspiração nos antigos folclores. Dessa maneira, as narrativas e símbolos podem ser reinterpretados por grupos locais sem substituir forçosamente saberes ou símbolos já existentes. No entanto, mesmo diante da relevância cultural da rena e do urso e dos potenciais positivos de conexão e uso desses e outros animais estrangeiros a partir de resgates folclóricos, é essencial ao brasileiro também manter os olhos no território e não esquecer do veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus* Linnaeus, 1758 - Artiodactyla: Cervidae) e da onça-pintada [*Panthera onca* (Linnaeus, 1758) - Carnivora: Felidae], como tantos outros.

A importância do Natal e das narrativas natalinas abre tanto a possibilidade de usar os recursos lúdicos e simbólicos dessa época para falar, ouvir e conversar sobre os animais, quanto de estimular práticas que beneficiem os mesmos sob a égide de empatia, compaixão e união que cercam esse período. Além disso, a etnozoologia se apresenta como uma poderosa ferramenta de resgate dos imaginários, e, em uma época de tanto encanto, certamente pode cumprir bem esse papel.

Agradecimentos

Ao Papai Noel e a todas as mamães por trás dele. À vó Helô e à tia Sandra, que amavam o Natal, e à minha mãe Gláucia e madrinha Jamille, que me fizeram continuar amando (*por Iago Ferraz*).

Referências

Abrunhosa, P.A.; Wogel, H. & Pombal Junior, J.P. 2006. Anuran temporal occupancy in a temporary pond from the Atlantic Rain Forest, South-Eastern Brazil. **The Herpetological Journal 16**(2): 115-122.

Abrunhosa, P.A.; Wogel, H. & Pombal Junior, J.P. 2014. Spatial and temporal organization in three syntopic species of the *Scinax ruber* group (Anura: Hylidae) in the Atlantic rainforest, southeastern Brazil. **Journal of Natural History 48**(39-40): 2449-2471.

Andrews, T. 2000. **Dictionary of nature myths: Legends of the Earth, sea, and sky**. Oxford University Press.

Baker, M. 2007. **Discovering Christmas customs and folklore: A guide to seasonal rites**. Osprey Publishing.

Beckwith, R.T. 2001. **Calendar and chronology, jewish and Christian: Biblical, intertestamental and patristic studies**. Brill.

Bertuzzo, R. & Tonin, J. 2021. The Christmas party and its relationship with the dynamization of rites. **Memorare 8**(2): 135-146.

Blakemore, E. 2024. How a poem transformed Christmas into the festive holiday it is today. **National Geographic** [on-line]. Disponível em: https://www.nationalgeographic.com/history/article/twas-the-night-before-christmas-poem. Acesso em: 5 de novembro de 2025.

Bengtson, S. 1984. Breeding ecology and extinction of the Great Auk (*Pinguinus impennis*): Anecdotal evidence and conjectures. **The Auk 101**(1): 1-12.

Boll, A.; Ricci, F. & Oliveira, M.P. 2005. As raízes rurais e folclóricas dos Figureiros de Taubaté. *In*: **V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**. Intercom, p. 1-9.

BORBOROGLU, P.G. 2013. **Penguins: Natural History and Conservation**. University of Washington Press.

BOWLER, G.Q. 2000. **The World Encyclopedia of Christmas**. McClelland & Stewart.

BRITANNICA, E. 2025. Seide. **Encyclopaedia Britannica** [on-line]. *Disponível em:* https://www.britannica.com/topic/seide. Acesso em: 28 de outubro de 2025.

CYRIAX, A.K. 1923. Swedish Christmas Customs. **Folklore 34**(4): 314-321.

CONWAY, D.J. 2022. Capítulo 16: Lua Fria - Dezembro. *In*: **Livro Mágico da Lua: Rituais, Magias, Encantamentos e Dias Mágicos**. Editora Alfabeto, p. 341.

COOPER, J.C. 1979. **An illustrated encyclopaedia of traditional symbols**. Thames and Hudson.

COOPER, J.C. 1992. **Animals in myth and symbol**. Aquarian Press.

DAVIDSON, H.E. 1998. **Roles of the Northern goddess**. Routledge.

FERRAZ, I. & PERROTTA, V. 2024. Na boca do sapo: a figura dos anuros em imaginários animistas contemporâneos. *In*: DA-SILVA, E.R. & COELHO, L.B.N. (ed.). IX Colóquio de Zoologia Cultural. Livro do Evento – vol. 2: Resumos. **A Bruxa 8**(e3): 14.

FERRAZ, I.; BITTENCOURT-LIMA, G.R.; PERROTTA, V. *et al*. 2025 (no prelo). Anura: Distress call (*Nyctimantis brunoi*). **Herpetological Review 56**(2) - Natural History Notes.

FERRAZ, I.; PERROTTA, V. & ABRUNHOSA, P.A. 2025. Diversidade da anurofauna em uma área heterogênea de Vassouras, Região do Vale do Café, Rio de Janeiro, Brasil. **Revista Multidisciplinar de Educação e Meio Ambiente 6**(2): 484-489.

FLOWERS, S.E. 2016. **Icelandic magic: Practical secrets of the Northern Grimoires**. Inner Traditions International.

FRAZER, J.G. 1922. **The golden bough: A study in magic and religion**. The Macmillan Company.

GAIMAN, N. 2017. **Mitologia nórdica**. Intrínseca.

GALEANO, E. 2010. **As veias abertas da América Latina**. L&PM.

GÄVLE, V. 2025. Gävlebocken. **Visit Gävle** [on-line]. Disponível em: https://www.visitgavle.se/sv/gavlebocken. Acesso em: 11 de novembro de 2025.

GLOSECKI, S.O. 1989. **Shamanism and Old English poetry (Garland Reference Library of the Humanities)**. Scholarly Title.

GOODALL, S. 2013. European robin. **Grand Manchester Wildlife** [on-line]. Disponível em: https://surli.cc/kbkmoh. Acesso em: 10 de novembro de 2025.

GRÜNUPP, E. 2010. Entrevista no programa Amaury Jr. **Rede TV**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bebAshQULw4. Acesso em: 10 de novembro de 2025.

HIRST, K.K. 2022. The domestication of goats. **ThoughtCo** [on-line]. Disponível em: https://thoughtco.com/the-domestication-history-of-goats-170661. Acesso em: 2 de outubro de 2025.

HOLLARD, A. 1931. Les origines de la fête de Noël. **Revue d'Histoire et de Philosophie religieuses 11**(3): 256-274.

IUCN. 2025. Red List. **IUCN PSBG** [on-line]. Disponível em: https://www.iucn-pbsg.org/iucn-redlist/. Acesso em: 16 de novembro de 2025.

JENNBERT, K.; ANDRÉN, A. & RAUDVERE, C. (ed.) 2006. **Old Norse religion in long-term perspectives: Origins, changes, and interactions**. Nordic Academic Press.

JERMAN, T.A. 2020. **Santa Claus worldwide: A history of St. Nicholas and other holiday gift-bringers**. McFarland.

JOHNSON, B. 2012. A Victorian Christmas. **Historic UK** [on-line]. Disponível em: https://www.historic-uk.com/HistoryUK/HistoryofEngland/A-Victorian-Christmas/. Acesso em: 1 de outubro de 2025.

KALVIG, A. 2020. Nature and magic as representation of "The Sami"— Sami shamanistic material in popular culture. **Religions 11**(9): 453.

KAUFMAN, C. 2004. The Ideal Christmas Dinner. **Gastronomica: The Journal for Food Studies 4**(4): 17-24.

KOJIC, A. 2016. Veles – The Slavic shapeshifting god of land, water and underground. **Slavorum** [on-line]. Disponível em: https://www.slavorum.org/veles-the-slavic-shapeshifting-god-of-land-water-and-underground/. Acesso em: 15 de novembro de 2025.

KOVÁROVÁ, L. 2011. **The swine in old nordic religion and worldview**. Dissertação (Mestrado em Estudos Nórdicos). Háskóli Íslands.

KVIDELAND, R. & SEHMSDORF, H. 1990. Scandinavian folk belief and legend. **The Journal of American Folklore 103**(408): 379-391.

LEITE, L.R. 2006. Satunalia – Tempo de presentes. *In*: **Anais da XXV Semana de Estudos Clássicos**. Departamento de Letras da UFRRJ, p. 103-109.

LÉVI-STRAUSS, C. 2003. O suplício do Papai Noel. *In*: **Antropologia estrutural II**. Cosac Naify, p. 41-56.

NICHOLS, C. 2021. From Jól to Yule. **Scandinavian Archaeology** [on-line]. Disponível em: https://www.scandinavianarchaeology.com/from-jol-to-yule/. Acesso em: 14 de novembro de 2025.

MANIA, C. 2017. When do cicadas sing? **Cicada Mania** [on-line]. Disponível em: https://www.cicadamania.com/cicadas/when-do-cicadas-sing/. Acesso em: 21 de outubro de 2025.

MAXFIELD, R. 1960. The Sixty-Day Yuletide. **Southwest Review 45**(1): 27-33.

MIKKELSON, D. 2013. **The origins of Rudolph the red-nosed reindeer** [on-line]. Disponível em: https://www.snopes.com/fact-check/rudolph-red-nosed-reindeer/. Acesso em: 13 de novembro de 2025.

MILLER, J.F. 2010. Roman festivals. *In*: **The Oxford encyclopedia of ancient greece and rome**. Oxford University Press, p. 172.

PAXSON, D.L. 2020. **O mundo de Odin: práticas, rituais, runas e magia nórdica no neopaganismo germânico**. Editora Pensamento.

PAXSON, D.L. 2006. **Ásatrú: um guia essencial para o paganismo nórdico**. Editora Pensamento.

RAEDISCH, L. 2013. **The old magic of Christmas: Yuletide traditions for the darkest days of the year**. Llewellyn Worldwide, p. 113–151.

RIDENOUR, A. 2016. **The Krampus and the old, dark christmas roots and rebirth of the folkloric devil**. Feral House.

ROLL, S.K. 1995. The Christian liturgical year. *In*: **Toward the origins of Christmas**. Peeters Publishers, p. 41-48.

ROPSTAD, E. 2000. Reproduction in female reindeer. **Animal Reproduction Science 60-61**: 207-219.

ROSSEL, S.H. & COLBERT, D.W. 1996. **Christmas in Scandinavia**. University of Nebraska Press.

RUFINO, L. 2019. **Pedagogia das encruzilhadas**. Mórula Editorial.

SCHEID, J. 2016. Saturnus, Saturnalia. **Oxford Classical Dictionary** [on-line]. Disponível em: https://surl.li/cvhqmr. Acesso em: 13 de agosto de 2025.

SEAL, N.J. 2005. Chapter 10. *In*: **The epic journey from Saint to Santa Claus**. Bloomsbury, p. 199-200.

SECRETARIAT, G. 2023. *Lynx lynx* (Linnaeus, 1758). **GBIF Backbone Taxonomy. Checklist dataset** [on-line]. Disponível em: https://doi.org/10.15468/39omei. Acesso em: 14 de novembro de 2025.

SPELLER, C.F.; WYATT, S.D. & YANG, D.Y. 2010. Ancient mitochondrial DNA analysis reveals complexity of indigenous North American turkey domestication. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America 107**(7): 2807-2812.

STÅHLBERG, A.J. 2006. Julbocksfrid i vår tid att bränna eller bevara en bock. *In*: **Nu gör vi jul igen**. Institutet för språk och folkminnen, p. 95-101.

STURLUSON, S. 1964. **Heimskringla history of the kings of Norway**. Tradução de Lee M. Hollander. 1 ed. University of Minnesota Press.

STURLUSON, S. 1987. **The Prose Edda**. Tradução de Anthony Faulkes. 1 ed. Everyman.

VIGFÚSSON, G. 1874. **An Icelandic-English dictionary: Based on the Ms. Collections of the Late Richard Cleasby**. Clarendon Press.

VRIES, A.D. 1976. European robin. *In*: **Dictionary of symbols and images**. North Holland Publishing, p. 388-389.

WALTER, A. 2025. **Festivals in latin literature: The poetics of celebration**. Oxford University Press.

ZELL-RAVENHEART, O. 2011. **Grimório para o aprendiz de feiticeiro**. Madras Editora.

Publicado em 23-12-2025
DOI: 10.5281/zenodo.18040907

Licenciado sob a Creative Commons Atribuição–NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0)
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/